

LINGUAGEM, GÊNEROS E MUNDOS NA CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA INFANTIL

Lélia Erbolato Melo*

Resumo: Isolar a estrutura da narrativa nos leva a esquecer ao mesmo tempo variações de “vozes”, de lugares discursivos e de conteúdo, enfim tudo aquilo que vai fazer que uma narrativa escrita e uma narrativa oral não possam ser contadas do mesmo modo.

Palavras-chave: Linguagem; gênero; narrativa.

Neste trabalho, damos prosseguimento às reflexões feitas em artigo anterior (Melo, 1997), quando, a partir da indagação – “Estrutura da narrativa ou gêneros, mundos, lugares discursivos & companhia?”, que nos serviu como mote, apenas introduzimos o tema em questão. Àquela altura, nos limitamos a apresentar e comentar, não de forma exaustiva, questões como linguagem, gêneros, mundos e lugares discursivos, com o objetivo de reafirmar, segundo F. François (1996), “que se deve considerar não uma lingüística das estruturas, mas uma *lingüística do encadeamento textual* no qual se manifestarão de diferentes modos, ao mesmo tempo, o lugar dos interlocutores, os gêneros de discursos e mundos diferentes”.

No interregno e na prática, entretanto, fomos incorporando e/ou aprofundando paulatinamente essas noções. É nessa evolução natural de idéias que se assenta o que vamos expor e ilustrar a seguir, numa tentativa de responder à indagação formulada.

Inicialmente, valeria a pena lembrar, segundo Laforest (1996, p.11-2), que

a fragmentação atual dos saberes faz com que ainda se estude, muitas vezes, a narração sem se preocupar com sua inserção no discurso que lhe dá sentido e ao qual ela dá igualmente sentido, perdendo-se assim de vista que os gêneros de discurso se combinam e se constituem com fluidez ao longo da interação.

* Professora livre-docente, adjunta, Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
E-mail: leliaerbolato@hotmail.com

Ora, como Roulet (1989) mostrou bem, um modelo adequado do discurso deveria dar conta da heterogeneidade discursiva presente no interior de uma mesma seqüência, do mesmo modo que das inter-relações das dimensões propriamente interacionais e discursivas.

A esse respeito, François (1996, p.118) defende o ponto de vista de que é necessário que o pesquisador se coloque em uma posição específica de interpretação que privilegie as “transgressões” feitas pela criança. É assim que o “inesperado” – aquelas estruturas que “não vão juntas”, mas que provocam o que o autor denomina “*felicidade textual*” – é eleito como dado principal a ser analisado.

Concluindo este bloco, para o autor (ibidem, p.200) “...a capacidade de mobilizar elementos dramáticos” é mais importante nas narrativas infantis do que “...a capacidade de explicar exatamente quem faz o quê, em qual ordem e por quê”. Aqui está sintetizada a essência da idéia a ser desenvolvida a partir de agora, com base na análise e interpretação de fragmentos extraídos dos *corpora* de uma pesquisa realizada com crianças de cinco anos.

Quando falamos de *narrativa de sonho* ou de *história engraçada*, de *narrativa de viagem* ou de *narrativa fantástica...* de *narração escolar*, quando distinguimos gêneros narrativos como a *fábula*, o *conto maravilhoso...*, é evidente que estamos longe de dar conta de uma realidade discursiva simples e de contornos determinados. Como lembra Roland Barthes (1966 p.1) na introdução do histórico número 8 de *Comunicações*,

Inúmeras são as narrativas do mundo. Inicialmente, é uma variedade prodigiosa de gêneros, distribuídos entre substâncias diferentes, como se toda matéria fosse boa ao homem para lhe confiar suas narrativas: a narrativa pode ser sustentada pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem fixa ou imóvel, pelo gesto e pela mistura ordenada de todas estas substâncias; está presente no mito, na legenda, na fábula, no conto, na novela, na epopéia, na história, na tragédia, no drama, na comédia, na pantomima, no quadro pintado, no vitral, no cinema, nos “comics”, no noticiário policial, na conversação.

Dentro desse contexto, isolar a estrutura da narrativa nos leva, portanto, a esquecer ao mesmo tempo variações de “vozes”, de lugares discursivos e de conteúdo, enfim, tudo aquilo que vai fazer que uma narrativa escrita e uma narrativa oral não possam ser contadas do mesmo modo.

A criança que (re)conta, como o romancista, se surpreende (ela própria) porque sabe estar no espaço-tempo intermediário, que é bem aquele da cultura, onde há um prazer de “contar”, de misturar diferentes fontes do imaginário. Nessa linha de reflexão, a intenção a seguir é redimensionar a noção de gêneros, “gêneros do discurso”, “subgêneros”... com base em Bakhtin e François, a fim de responder à questão: Afinal, “*como lemos, interpretamos narrativas de crianças-autoras*”?

• *Problemática e definição*: retomamos, inicialmente, Bakhtin (1992, p.279), quando ele diz que “qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*”.

Nessa mesma direção, e pensando em fazer uma composição singular, incorporamos a noção de estilo. Nesse sentido, citamos novamente Bakhtin (1992, p.282-3): “O estilo está indissolúvelmente ligado ao enunciado e a formas típicas de enunciado, isto é, aos gêneros do discurso”.

Com isso, estamos incorporando também uma visão de estilo que se (re)encontra igualmente na perspectiva sociolingüística ou na etnografia da comunicação. Para o autor, a noção de gêneros se acha na encruzilhada entre a língua, o estilo de língua e o estilo individual: “A variedade dos gêneros do discurso pode revelar a variedade dos estratos e dos aspectos da personalidade individual, e o estilo individual pode relacionar-se de diferentes maneiras com a língua comum” (ibidem, p.283).

Sintetizando, e de acordo com Salazar Orvig (1999, p.35-6), o próprio gênero é submetido às escolhas conscientes, ou menos conscientes, voluntárias ou involuntárias dos sujeitos, modificando não somente os aspectos marginais ou facultativos, mas em sua utilização ele entra também em contato com aquilo que constitui sua tipicidade. A referência a Bakhtin (1992, p.284, 286) se impõe de novo:

Não existe uma classificação comumente reconhecida dos estilos lingüísticos ... Quando há estilo, há gênero. Quando passamos o estilo de um gênero para outro, não nos limitamos a modificar a ressonância deste estilo graças à sua inserção num gênero que não lhe é próprio, destruímos e renovamos o próprio gênero.

■ *Gêneros e mudanças de gêneros: segundo François (1989a, p.133)*

é difícil saber se podemos classificar os gêneros. Proponho organizá-los em função dos modos de deslocamento. Um primeiro gênero consistiria, então, em (descrever, contar...) em manter o tema e acrescentar outras determinações. Um segundo tipo de gênero discursivo se caracterizaria pelo fato de encadear sobre a asserção que acaba de ser feita, que se torna, então, tema. Um terceiro gênero seria a série associativa, aquela do enunciado paralelo ao precedente.

■ *Linguagem e gêneros. Gêneros de quê?* Para François (1998, p.103-18), “a noção de ‘gêneros’ não é clara nem desprovida de polêmicas... A crítica a seu respeito é perpétua... Assim, a noção de gênero não é uma noção particular, entre outras, mas uma característica da linguagem, suscetível de um número aberto de modos de significar. É preciso, então, distinguir gêneros de discurso definidos por suas condições de enunciação-recepção, gêneros de *corpus* definidos formalmente, gêneros de textos definidos por suas modalidades de releitura”. Em vista disso, uma classificação que se baseia num único critério está forçosamente condenada ao fracasso.

Para o autor (ibidem, p.106), “fixar gêneros, portanto, não é um fim em si, é colocar em evidência as relações que não podem ser de pura identidade entre um quadro geral de enunciação, uma forma geral e a variação de suas realizações e/ou de suas recepções, de suas circulações”. A essa altura, e voltando à questão anterior, poderíamos acrescentar que a crítica à noção de gêneros é também perpétua... e que uma teoria dos

gêneros peca duplamente por pretensão, quando supõe que classificar é o máximo da elucidação e quando não chega, de fato, a classificar.

Em seguida, a intenção é apresentar e comentar alguns organizadores do texto com base em dados coletados, em situações de narrativa.

Nesse sentido, propomo-nos inicialmente a comentar e ilustrar, não de forma exaustiva, o desempenho das crianças nessas situações, para concluir, mais adiante, sobre os gêneros de textos ou diferenças entre os gêneros.

Com base em François (1989b, p.45-6), seria possível dispor o que se manifesta, sob quatro ou cinco rubricas, para efeito de interpretação:

- “as categorizações lexicais ou gramaticais;
- o gênero do discurso, emprestando o termo a Bakhtin, a categorização pelo modo de desenvolvimento do discurso (descrever, contar, argumentar...);
- os diferentes mundos dos quais se fala;
- e, finalmente, o lugar que o sujeito ocupa no discurso.”

Uma possibilidade à vista é que “indo do começo ao fim da lista, a incerteza da interpretação aumenta”, levando-nos, então, a pensar em “incluir ainda os encadeamentos”.

Prosseguindo, perguntaríamos se uma classificação das diferentes figuras de tutela ou sustentação não nos levaria a uma classificação dos gêneros de discurso, como sugere Hudelot (1993, p.62), na medida em que o adulto ajuda a criança a contar um fato, a construir uma narrativa, mas também a descrever, explicar ou argumentar. Com efeito, para Condé (1998, p.86), o que podemos dizer com relação à linguagem é que seus diversos usos constituem “jogos de linguagem”, e que estes possuem certas semelhanças ou parentescos em comum, com os membros de uma família. Aqui, constatamos uma convergência de pensamento entre Wittgenstein (1999, p.35), que considera o “jogo de linguagem” como sendo uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida, e Bakhtin (1992, p.283), que inscreve os gêneros discursivos na variedade da atividade humana.

Assim, na medida em que os propósitos do adulto se situam num mundo homólogo àquele da criança ou, ao contrário, operam um deslocamento, a criança, segundo Perroni (1992, p.53, 110), insere nos seus relatos pessoais algo do presente que funciona como “evocador de lembranças”, a exemplo do que acontece nas narrativas de adultos (v. 13^o turno):

Exemplo 1 (Situação de narrativa “do que você fez no domingo”):

- *1. CR: eu tava lá na minha casa brincando com a minha irmã
2. A: ...do que que vocês brincaram?
3. CR: de escolinha
4. A: vocês leram história pra boneca? que história foi?
5. CR: ó o o o menino tava na água e não conseguia magulá
6. A: não conseguia mergulhar? e o que aconteceu? ele tinha bóia?...
7. CR: afogou
8. A: ninguém foi salvá-lo?
9. CR: a mãe dele não viu
10. A: ah::::...a mãe dele não viu quando ele caiu na água?
- **11. CR: que eu já fui...na excursão que era água...aí a minha mãe não viu o homem me assalvô e eu não afoguei

12. A: uhn:::...você foi numa piscina de crianças maiores do que você...é isto? foi o mesmo que aconteceu com o menino da história...ele caiu numa piscina...FUNda?
- **13. CR: é funDAna assim
14. A: uhn:::...funDOna assim...

Nesse exemplo, observamos também que, do mundo do relato de uma experiência não vivida pela narradora infantil, passamos àquele da generalidade avaliativa, para passar de novo ao relato da experiência, mas esta vez vivida diretamente pela criança. E, nesse caso, a tutela, por parte do adulto, tem um papel importante porque introduz mundos, ou modos de referência, isto é, faz passar o discurso de um mundo a outro – do mundo da ficção ao mundo real, como acontece nos turnos 1 e 11.

Como observamos, é difícil saber se podemos classificar os gêneros. A proposta de François (1989a, p.132-3) é de organizá-los em função dos modos de deslocamento.

Um primeiro gênero consistiria então em (descrever, contar...), em conservar o tema e acrescentar outras determinações. Por exemplo, a conduta em discurso explicativo pela introdução de encadeamento causal:

Exemplo 2 (Situação de “repetição de uma história que acabou de lhe ser contada)

1. A: ah::: você vai olhando as figuras e vai contando a história
2. H: *o Rafa...ai ele quebrou o braço...ai depois depois (avoou) de novo a menina gritou com o Rafa ele não queria ir...ai depois ele chorou por causa que tava com...com saudade da menina.. ai depois ele ficou na árvore e e conversou com a menina e ele () gaiola ai uns dias ele ele (voltava)*

Um segundo tipo de gênero discursivo se caracterizaria pelo fato de o sujeito encadear na asserção que acaba de ser feita, e que se torna, então, *tema*. Vejamos o que acontece nos exemplos que seguem:

Exemplo 3 (Situação de narrativa “do que você fez no domingo”):

1. A: Caroline... conta pra mim o que você fez no domingo
2. CR: *eu tava lá na minha casa brincando com a minha irmã*

Exemplo 4 (Situação de narrativa de “alguma coisa que lhe deu muito medo”):

1. A: ISSO...eu agora queria pedir pra você falar...sobre alguma coisa...que deu MUITO medo...a você
2. H: *o que deu muito medo é o elevador*

Exemplo 5 (Situação de narrativa “de uma história original”):

1. (A: inventa uma história e me conta)
2. PR: *mas meu pai já contô uma da formiguinha*

Um terceiro gênero seria a série associativa, a do enunciado paralelo ao precedente. Assim, no exemplo a seguir, quando ocorre uma retomada (v. turno 6):

Exemplo 6 (Situação de narrativa “do que você fez no domingo”)

1. CR: afogou
2. A: ninguém foi salvá-lo?
3. CR: a mãe dele não viu
4. A: *ah::...a mãe dele não viu quando ele caiu na água?*
- **5. CR: *...aí a minha mãe não viu o homem me assalvô e eu não afoguei*

Nesse caso, como assinala François (1989a, p.133), conserva-se o predicado e muda-se o que foi dito. Dito de outro modo, assim como propomos considerar a explicação como subgênero do encadeamento metadiscursivo, do mesmo modo, aqui, propomos considerar a associação como (sub)espécie do fio paralelo.

Fechando esse tópico, gostaríamos de lembrar ainda que as diferenças entre os gêneros, condicionadas, ao mesmo tempo, pelos tipos de conteúdos e pela situação de enunciação, parecem ser mais importantes do que as diferenças entre as crianças.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Pelo exposto, até agora, percebemos que não se pode fazer uma lista dos gêneros. Para François (1989b, p.48),

somente indicar dominâncias (interativa, na ordem ou na questão; referencial, na descrição ou na narrativa; metalingüística, na explicação). Opor, talvez, gêneros especializados... É bem esta diversidade de gêneros como atos de linguagem ou pontos de vista sobre uma realidade que faz a eficácia (pelo menos em parte) da linguagem. Por outro lado, estes gêneros podem ser homogêneos (há narrativas que são apenas narrativas, explicações que são apenas explicações) ou heterogêneos: uma narrativa pode encadear numa explicação ou nela se integrar.

Além disso, conforme o autor,

o que contribui para tornar a lista impossível é a possibilidade de um mesmo gênero comportar, na prática do discurso cotidiano como no discurso literário, diferentes “subgêneros”: uma narrativa pode ou não ser dramatizada, comportar ou não pontos de vista diferentes, contrastar ou não o real com o imaginário, etc.

Assim, podemos identificar vários “subgêneros”, que se manifestam na dinâmica da interação (Hudelot, s. d.). Entre uns e outros, e com base nos exemplos apresentados, temos sucessivamente: *momentos descritivos e designativos* (centrados na nomeação ou qualificação das personagens); *momentos narrativos*; ou *interpretativos*; outros que são, antes, *esboços de discussões*, ou *diálogos metadiscursivos*; enfim, *seqüências* ao longo das quais o adulto leva a criança a se entregar a *manipulações ficcionais* sobre a *imagem mostrada*.

A análise com certeza poderia prosseguir. Contudo, preferimos nos deter nesta tentativa para classificar estes “atos de linguagem” ou “subgêneros”, que nos permite sistematizar também as variações do contexto lexical e gramatical.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARTHES, R. Introduction à l'analyse structurale des récits. *Communications*, n.8, p.1-27, 1966.
- CONDÉ, M. L. L. *Wittgenstein: linguagem e mundo*. São Paulo: Annablume, 1998.
- FRANÇOIS, F. Cohésion et déplacements dans les dialogues enfants-adultes ou de quelques façons dont se dessinent les figures des sujets dans les dialogues. *DRLAV*, n.40, p.115-140, 1989a.
- _____. De quelques aspects du dialogue psychiatre-patient. Places, genres, mondes et compagnie. *CALaP*, n.5, p.39-89, 1989b.
- _____. *Práticas do oral*. Diálogo, jogo e variações das figuras do sentido. Trad. Lélia Erbolato Melo. São Paulo: Pró-Fono, 1996.
- _____. *Les discours et ses entours*. Paris: L'Harmattan, 1998.
- HUDELOT, C. *Échanges verbaux adulte-petit groupe d'enfants en crèche et en maternelle*. s. l.: s. n., s. d. (Mimeogr.)
- _____. Du noviciat de l'expert. Étayage, débrayage et cafouillages dans un dialogue adulte enfant. *Cahiers de Linguistique Sociale*, n.23, p.51-83, 1993.
- LAFORÉST, M. (Dir.) *Autour de la narration*. Les abords du récit conversationnel. Québec: Nuit Blanche Éditeur, 1996.
- MELO, L. E. Estrutura da narrativa ou gêneros mundos, lugares discursivos & companhia? In: BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p.187-93.
- PERRONI, M. C. *Desenvolvimento do discurso narrativo*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- ROULET, E. Des dimensions argumentatives du récit et de la description du discours. *Argumentation*, v.3, p.247-70, 1989.
- SALAZAR ORVIG, A. *Les mouvements du discours*. Style, référence et dialogue dans des entretiens cliniques. Paris: L'Harmattan, 1999.
- WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. Trad. José Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

MELO, L. E. Language, gender and conception of the world in child's narrative construction. *Todas as Letras (São Paulo)*, n.6, p.87-93, 2004.

Abstract: *By isolating the narrative structure, we tend to put aside the discursive's voice variations, discursive's space and content or every aspect that will explain why an oral narrative can never be told as a written one.*

Keywords: *Language; gender; narrative.*

F